

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id5772>

ARTIGO ORIGINAL

Turismo educacional com foco no intercâmbio acadêmico dos docentes da Faculdade de Turismo da Universidade Federal do Pará

SUBMETIDO 15/04/2021

APROVADO 01/11/2021

PUBLICADO ON-LINE 29/11/2021

PUBLICADO 30/12/2022

EDITORA ASSOCIADA
Ingrid Ribeiro da Gama Rangel

-  Lia Rodrigues da Silva ^[1]
-  Bernadete do Socorro Gomes Freitas ^[2]
-  Fabrício Lemos de Siqueira Mendes ^[3] *
-  Raul Ivan Raiol Campos ^[4]
-  Paulo Moreira Pinto ^[5]

[1] liahrodvm@gmail.com

[2] bernagomes1210@gmail.com

[3] fabriciolsm@ufpa.br

[4] raulcampos@ufpa.br

[5] pmpinto@ufpa.br

Faculdade de Turismo, Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar os intercâmbios acadêmicos dos docentes da Faculdade de Turismo da Universidade Federal do Pará e como os intercâmbios contribuíram para as suas formações acadêmicas. O turismo educacional com foco no Intercâmbio Acadêmico (IA) difere dos demais segmentos de turismo por acontecer fora do tempo de lazer. Isso faz com que esse tipo de atividade se torne turística porque há um deslocamento do lugar comum de ensino em busca do novo, envolvendo o processo de ensino-aprendizagem durante o percurso. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, cuja coleta de dados foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2017. O instrumento da coleta de dados foi um questionário previamente preparado com perguntas abertas e fechadas. Os resultados apontam o que o IA traz para a formação dos docentes e a sua contribuição direta na formação desse público. Observa-se que, com essa estratégia de busca por conhecimento, é possível estabelecer uma rede a qual possibilita identificar as dificuldades, motivações e expectativas que o intercâmbio promove tanto para os docentes quanto para os discentes da Graduação em Turismo na Amazônia.

Palavras-chave: acadêmico; intercâmbio; professor; turismo; universidade.

Educational tourism with a focus on the academic exchange of professors at the Faculty of Tourism of the Federal University of Pará

ABSTRACT: The present study aims to analyze the academic exchanges of the Faculty of Tourism of the Federal University of Pará, and to understand how exchanges have contributed to their academic training. Educational tourism with focus on academic exchange differs from other tourism segments because it does not happen in leisure time. It makes this type of activity become touristic

*Autor para correspondência.

because there is a displacement from the usual teaching place in search for a new one, involving the teaching-learning process during its course. This is a quali-quantitative research whose data collection was carried out between November and December of 2017. A questionnaire was the data-collecting instrument, previously prepared with open and closed questions. The results point out what the academic exchange brings to the training of professors and their direct contribution to their formation. Through this strategy of knowledge search, it is possible to establish a network that allows identifying the difficulties, motivations and expectations that exchange promotes, both for professors, and for undergraduate students in Tourism in the Amazon.

Keywords: *academic; exchange; teachers; tourism; university.*

1 Introdução

Muito embora o intercâmbio esteja no meio de umas das atividades mais almeçadas e pareça algo relativamente novo, ele existe desde que o ser humano percebeu que sua comunidade não era a única. Desse modo, inicia-se a troca de saberes, de experiências e de conhecimentos. A palavra intercâmbio define exatamente isso: troca e permuta. Há relatos históricos que exemplificam a expansão dessa atividade, como registrado por Andrade (2000), cujo estudo afirma que, na Roma Antiga, eram comuns viagens de jovens à Grécia com o intuito de aprofundar seus estudos. Os principais centros em foco eram Atenas, Rodes, Pérgamo e Alexandria. Cícero, César (o Imperador) e Horácio foram alguns dos que realizaram intercâmbio e, ao voltarem para Roma, contribuíram para o desenvolvimento do Império Romano. Esses jovens foram buscar experiências qualitativas que, conseqüentemente, contribuíram para o desenvolvimento de seu império.

Do ponto de vista contemporâneo, ainda em conformidade com Andrade (2000), o intercâmbio como atividade turística é realizado por pessoas que viajam além do território onde residem, resultando, por certo tempo, no consumo dos bens e de serviços de que necessitam durante sua estada. Ressalte-se que o intercâmbio, como se conhece na atualidade, nasceu durante a Primeira Guerra Mundial, como revelam os estudos de Villanova (2017). Esse movimento de trânsito e troca, realizado por voluntários americanos que trabalharam em Paris na ajuda a soldados feridos, originou o *American Field Services* – AFS (Serviços de Campo Americanos). No início de sua constituição, os grupos somavam em média 70 voluntários, porém, no final da guerra, eram aproximadamente 3 mil. No pós-guerra, esses voluntários constataram quanto haviam conhecido sobre a cultura francesa.

Em 1929, o Rotary Clube de Copenhague, na Dinamarca, o qual tem como objetivo promover atividades de caridade, intercâmbio de jovens e trabalho vocacional, organizou a primeira permuta de estudantes de ensino médio com outros *Rotarys* da Europa. Segundo os registros do Rotary (2018), nos Estados Unidos da América (EUA), precisamente na cidade da Califórnia, quase dez anos depois, foram organizados os intercâmbios de estudantes com os clubes latino-americanos.

Na Segunda Guerra Mundial, os voluntários da AFS tiveram presença em maior quantidade de territórios, incluindo-se a Europa, norte da África, Índia e Síria. De acordo com Villanova (2017), no final da Segunda Guerra Mundial, as conexões internacionais estavam muito bem estabelecidas, graças à quantitativa presença desses voluntários/

participantes, o que ocasionou a fundação da *American Field Services Intercultural Programs* (AFSIP). Para contribuir para o crescimento do conceito de intercâmbio, foram mandados cerca de dez estudantes de diferentes países para os EUA. O objetivo da AFSIP foi estudar e vivenciar a cultura local. Hoje as filiais do Programa se encontram em mais de 50 países e já realizaram mais de 200 mil intercâmbios em toda sua história.

Segundo o Rotary (2018), no Brasil, o intercâmbio teve seu marco inicial com a fundação do primeiro Rotary brasileiro, no Rio de Janeiro, em 29 de janeiro de 1921. Se, no entanto, se levar em consideração que as famílias privilegiadas enviavam seus filhos para estudar nas grandes cidades da Europa muito antes de o Rotary chegar ao Rio de Janeiro, essa mobilização no Brasil teve seu início antes do ano de 1921.

O Intercâmbio Acadêmico (IA) de Ensino Superior no Brasil tem origem nos anos de 1980. Porém, conforme Ramos (2009), nos anos de 1990 houve mudanças na formação de profissionais qualificados e capacitados, uma vez que a necessidade de um roteiro mais elaborado era essencial para o IA. Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) aponta que, para se inserir e se manter no mercado de trabalho, “[...] a força de trabalho se torna cada vez mais voltada para o conhecimento, com atualização e treinamento constantes por toda a vida” (UNESCO, 2009, p. 100, tradução nossa). Isso demonstra a força da globalização em um mundo que se torna complexo velocemente.

Em geral, a globalização tem exigido da sociedade uma postura diferente com relação ao mundo do trabalho e à construção do conhecimento. Essa postura afeta bastante as Instituições de Ensino Superior (IES) nas suas diretrizes de disseminação e produção de conhecimento. Além disso, como afirmam Stallivieri e Monteiro (2005), é necessária a evolução plena do ser humano em seu meio social, preparando-o para os conflitos dos constantes desafios de adaptação e capacitação e do domínio das novas situações exigidas aos profissionais, exigindo das IES a elaboração de atividades curriculares que atendam às perspectivas desse novo mundo do trabalho.

Atualmente, não são apenas os filhos de famílias com mais recursos financeiros que podem estudar fora do país de origem, como vinha acontecendo tempos atrás. No Brasil, as oportunidades de realizar intercâmbio ficaram mais fáceis, por conta dos valores acessíveis e dos destinos variados. As variações desses valores ocorrem de acordo com algumas condições. Para a World Study (2021), o destino do intercâmbio é o principal motivo dessa variação, seguido pelo tempo que o estudante permanecerá fora, o tipo de curso, estada e carga horária.

Além de preços acessíveis, as condições de pagamento também facilitam a realização do IA. Hoje há agências especializadas nesse processo, que parcelam os pacotes de intercâmbio em até 36 vezes. A consequência disso, como afirma a *Brazilian Educational & Language Travel Association* (BELTA, 2019), é a facilidade de viajar para o exterior em prol dos estudos e, inevitavelmente, o desenvolvimento do setor, que registrou crescimento de até 12% ao ano.

Mesmo em tempos de crise, um dos setores que mais crescem atualmente é o segmento de educação internacional e carreira profissional. Conforme os dados da Belta, em 2017 o setor teve um crescimento de 22%, alcançando a incrível marca de mais de 300 mil estudantes enviados para o exterior (BELTA, 2019). O salão do estudante também é prova da expansão do intercâmbio no território brasileiro. Os organizadores do evento, como registrado pelo Portal Terra (SALÃO..., 2019), divulgaram que, no ano de 2017, havia mais de 200 instituições educacionais em São Paulo, vindas de mais de 10 países diferentes. Nesse evento, foram recepcionados mais de 30.000 mil visitantes, estabelecendo-se, assim, um novo recorde.

De acordo com dados coletados pela Belta para o ano de 2018, o setor de intercâmbio estudantil brasileiro movimentou entre 2 e 3 bilhões de dólares. A mesma pesquisa indicou um aumento nos gastos de 22% a mais que no ano anterior. Esse aumento da procura por cursos de graduação e pós-graduação se reflete no ranking feito pela Belta (2019), o qual mostrou que a procura por graduação subiu da 12ª para a 10ª colocação.

Nas universidades brasileiras particulares e públicas, internacionalizar o ensino virou uma preocupação constante. Firmar convênios com instituições de outros países facilita a permuta de estudantes, que podem migrar para outros países por um período que varia de um semestre até um ano, antes de obter o diploma. Como exemplo, tem-se os estudos de Montesanti (2016), que apresenta as três IES no Brasil com mais convênios com universidades estrangeiras. A primeira é a Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo, que dispõe de mais de 100 parcerias nesse sentido – os destinos mais procurados pela comunidade da FGV são EUA, França e Alemanha. A segunda instituição de que fala Montesanti (2016) é a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), que apresenta cerca de 300 convênios, em sua maioria com destino para os EUA e França. Já a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais, com mais de 130 convênios com instituições estrangeiras, tem Portugal como principal destino.

Na Universidade Federal do Pará (UFPA), apesar de números incertos em relação à quantidade de docentes e discentes que realizam ou realizaram intercâmbio até o ano de 2017, há aproximadamente 50 convênios com outras IES, nos âmbitos nacional e internacional, conforme os dados fornecidos por essa instituição (UFPA, 2017). A Pró-Reitoria de Relações Internacionais (PROINTER) classifica os participantes da mobilidade acadêmica em: *outgoing* (acadêmicos da UFPA que realizaram intercâmbio em outra instituição) e *incoming* (os acadêmicos estrangeiros que realizaram intercâmbio na UFPA).

Para o bacharel em Turismo, é fundamental reunir habilidades e competências em planejamento, nas relações entre pessoas, na administração em geral, na economia, entre outros elementos que habilitam o estudante para o mercado de trabalho, e o IA contribuiria bastante nesse processo. O curso de Bacharelado em Turismo tem como escopo formar planejadores de turismo que atendam ao mercado, que se apresenta em crescente expansão do ponto de vista nacional e internacional. Segundo a UFPA (2017), tal perspectiva diz respeito à infraestrutura de apoio ao desenvolvimento do segmento de ecoturismo, a grande vocação da região norte e da Amazônia de modo geral.

No Brasil e na Amazônia, o mercado do turismo está em constante expansão. Dessa forma, é necessário haver profissionais que acompanhem as mudanças e que estejam sempre atualizados, abertos para discutir e aceitar novas ideias. Além disso, devem vivenciar novas experiências, incrementando seu currículo e sua formação, tanto pessoal quanto acadêmica. Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo analisar os IA dos docentes da Faculdade de Turismo (FACTOR) da UFPA e avaliar como os intercâmbios contribuíram para sua formação acadêmica.

2 Referencial teórico

O turismo científico, chamado também de turismo de estudo ou turismo de intercâmbio, não é um segmento recente. Ele se dá há muito tempo e a todo momento. Porém, nos dias de hoje ficou mais comum com o advento da internet, que torna esse segmento mais globalizado.

Desse modo, nesta sessão será feita uma explanação para o entendimento do turismo científico, do intercâmbio nas universidades e das modalidades de mobilidade acadêmica na UFPA.

2.1 Turismo científico/turismo de estudo e intercâmbio

As viagens que têm a realização de estudos como característica e objetivo por si só englobam várias atividades. No Brasil, essas atividades são geralmente conhecidas como Turismo de Intercâmbio (TI) ou Turismo Educacional-Científico. Também são utilizados os termos Turismo Universitário (TU), Turismo Pedagógico (TP), Turismo Científico (TC), além de Turismo Estudantil – termo frequente em países como a Argentina e o Uruguai (BRASIL, 2010).

Com isso, o Turismo de Estudo (TE) se diferencia dos outros tipos de turismo por ser realizado fora do tempo de lazer. Esse tipo de atividade torna-se turística porque há um deslocamento do lugar comum de ensino em busca do novo, envolvendo o processo de ensino-aprendizagem durante o percurso. Segundo Rejowski e Costa (2003, p. 224), o TE consiste em

[...] uma atividade turística que esteja ligada de alguma forma com o ensino. Delineada como a teoria da educação a pedagogia estuda os métodos e maneiras para um alcance mais eficiente dos princípios da educação. Assim o turismo pedagógico entende-se como um movimento onde se combina ensino e turismo, harmonizando alguns dos seus elementos, essencialmente a viagem.

De acordo com a classificação nacional dos segmentos turísticos, o TE, o TC e o TI fazem parte do mesmo segmento na conceituação do Ministério do Turismo (MTur). Assim, o MTur (BRASIL, 2010, p. 15) delimitou o conceito do TE e do TI com base na motivação por atividades e programas de aprendizagem, que podem promover o desenvolvimento pessoal e profissional por meio das vivências interculturais, considerando:

Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional.

Para Sebben (2007), o intercâmbio é o envolvimento entre povos de culturas diferentes. Andrade (2000) acrescenta que também é conhecido como uma atividade turística feita por pessoas que se deslocam além do território do país onde residem, habitando em outro onde, por certo tempo, consomem os bens e serviços de que necessitam. E, para o Ministério do Turismo (BRASIL, 2008), essas viagens têm por objetivo a aprendizagem, podendo promover desenvolvimento pessoal e profissional, por meio das experiências interculturais.

Os intercambistas brasileiros, em sua maioria, são estudantes da Educação Básica, mais precisamente do Ensino Médio, que têm como principal objetivo aprender uma

língua estrangeira. No entendimento de Silva (2013), as pesquisas apontam que, no final dessa jornada, além do conhecimento de uma cultura diferente da sua, o desenvolvimento pessoal e profissional também entra no ranking dos principais motivos para se realizar um intercâmbio.

Ao submeter-se a um intercâmbio, o indivíduo tem a chance de se preparar melhor para o mercado de trabalho, ainda que passe por momentos de estresse aculturativo, ou seja, processo de adaptação à nova cultura. Sebben (2007) afirma que tal estresse já proporciona um ganho pessoal, visto que a flexibilidade e a capacidade de lidar com o novo são características do profissional atual. Dessa forma, há uma grande vontade no fazer o intercâmbio justamente pelo que essa atividade proporciona, ou seja, geralmente o desenvolvimento pessoal e profissional. O mesmo autor acrescenta que, na realização do intercâmbio, os aspectos acima citados serão levados pelo indivíduo pelo resto da sua vida, contribuindo como um marco diferencial em seu currículo. Isso é uma questão de extrema prioridade para quem ainda está usufruindo da vida acadêmica, complementa Sebben (2007).

Com a imersão cultural local, o aprendizado da língua estrangeira torna-se mais fácil no dia a dia do intercambista, em decorrência da assimilação de vocabulário. Mais importante que estar num país estrangeiro é interagir na língua-alvo. Figueiredo (2006) acrescenta que, das pessoas que circulam ou fazem parte de sua nova vida, o intercambista obtém um maior desenvolvimento na língua que está aprendendo, tendo, portanto, a oportunidade de desenvolver e aprimorar seus conhecimentos do idioma local.

Pode-se realizar intercâmbio para atender a vários interesses escolares ou acadêmicos e também profissionais. Os mais conhecidos são: *high school* (equivalente ao Ensino Fundamental ou Médio do Brasil), cursos técnicos e de idiomas, *university graduate* (Graduação/Pós-Graduação) e *university master's and Ph.D.* (mestrado e doutorado), trabalho ou estágio remunerado e trabalho voluntário. Assim, é possível realizar um intercâmbio tão somente para se estudar determinado idioma. Sebben (2007) informa que a realização de cursos profissionalizantes ou de graduação depende de o país de destino permitir ou não, ao intercambista, trabalhar por um período de tempo previamente determinado.

O intercâmbio proporciona experiência para ambas as partes envolvidas, tanto para a pessoa que sai de seu país para conhecer outra realidade quanto para quem recebe o intercambista. Esse pode ser visto como uma via de mão dupla, com uma ação que integra pessoas e cultura, já que “a ideia central dos intercâmbios não gira em torno somente de estudos, vai, além disso, abre portas para uma mudança de si mesmo” (SEBBEN, 2007, p. 34). Essa troca de conhecimento que ocorre durante o intercâmbio é relacionada a conceitos como a educação e a globalização, que “são fases de um processo de internacionalização” (BARTELL, 2003).

De acordo com pesquisa realizada em 2015 pela Belta, os intercambistas possuem determinadas preferências no momento da escolha do intercâmbio. De um total de 100% dos intercâmbios procurados, o que está em alta, com mais de 35% de procura, são os que propiciam exploração de outros países e culturas, seguido de descanso e diversão, com média de 25%. Os outros 40% são divididos entre visitas a parentes e amigos, estudos fora do país, trabalho no exterior, voluntariado e curso de línguas. Desse modo, a Belta (2019) acrescenta que o diagnóstico, então, é o de que os estudantes têm a cultura como item fundamental para a realização da viagem.

Pelo exposto, o intercâmbio está presente desde os primórdios dos tempos. Sua teoria ainda é pouco explorada, pois poucos teóricos tentaram conceituá-lo. Em geral, ele é tratado como tendo fins educacionais e voltado para o público mais jovem. Há uma grande

gama de programas oferecidos pelas agências de viagens especializadas em intercâmbio, para diferentes faixas etárias e para diversas finalidades, como já dito anteriormente neste artigo, tornando a cultura mais rica com as mudanças em um processo de adaptação a novas situações (LARA, 2003 *apud* SANTOS *et al.*, 2014, p. 68).

Entre os anos de 2007 e 2009, o Brasil aparece no ranking de maiores emissores de estudantes, ficando em 4º e 7º lugar, respectivamente (BRASIL, 2010). Assim, o segmento de intercâmbio abrange diferentes interesses, atento às mais diversas necessidades de seus clientes/estudantes que, entre várias realizações, buscam desenvolvimento pessoal e profissional. No Brasil, esse novo segmento tem avançado mais sua cadeia produtiva, mesmo que, se comparada com a de outros países, ainda seja pouco estruturada.

O IA ocorre, principalmente, pela vontade dos alunos de aprimorar e ampliar seus conhecimentos. Promove também o desenvolvimento pessoal, oferecendo uma diferenciação na formação e enriquecendo o currículo profissional. Desse modo, ajuda os intercambistas a ingressarem com facilidade e diferencial no acirrado mercado de trabalho (CEVASCO, 2003).

2.2 Intercâmbio e universidade

As universidades são espaços de criação e transmissão do saber, do conhecimento e da inovação, sendo um dos principais canais do desenvolvimento social, econômico e cultural de uma sociedade. É dentro das universidades que se promove a emancipação do ser humano, formando cidadãos críticos para atuarem na sociedade. Desse modo, para Cabral, Silva e Saito (2011), a universidade é uma instituição complexa, é um sistema aberto, passível de influências externas, sendo influenciadora mediadora no meio em que atua.

A compreensão de que se vive num mundo sem fronteiras tem levado a universidade a buscar alternativas que possibilitem acesso a outras culturas. Nesse contexto, o IA vem galgando espaço, seja do ponto de vista de criar novas oportunidades ao estudante em formação para ampliar seus horizontes, seja por ter de representar um elemento de peso na avaliação institucional. Além disso, para Cabral, Silva e Saito (2011), o IA acrescenta no currículo profissional uma experiência internacional que muitas vezes traz frutos para novos projetos.

As universidades têm como missão preparar, da melhor maneira, um cidadão para o mundo. O estudante de hoje é muito interligado por facilitadores, como a internet, necessitando, pois, da experiência do TI, a fim de que se permita o conhecimento e respeito pela diversidade cultural que só o convívio pode proporcionar, afirma Stallivieri (2002). Nesse cenário, é preciso que os estudantes ampliem sua formação nos aspectos acadêmico, profissional e pessoal. E, nesse sentido, a universidade deve assumir papel fundamental (PEREIRA *et al.*, 2005). Ou seja, é por meio da universidade que se abrem os canais de alcance no que tange ao conhecimento e desenvolvimento; é através dessa instituição que o discente discorre sua trajetória na vida acadêmica.

A definição da palavra acadêmica é relacionada ao estabelecimento de ensino superior ou a seus discentes em geral. Já a palavra mobilidade remete à expectativa de ser movido (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 21). A Mobilidade Acadêmica não é algo recente, já possui um histórico. Desde o século XVII, na Europa, estudantes realizavam intercâmbios de estudo. Em Teichler (2004), ressalta-se que o nível de mobilidade de estudantes dentro da Europa, agora de aproximadamente 3%, foi de aproximadamente 10% no século XVII.

No que diz respeito ao conceito de intercâmbio, este pode ser definido como “reciprocidade de relações [...] entre nações” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1302); assim, a mobilidade acadêmica dá oportunidade para os alunos de uma Instituição de Ensino Superior realizarem seus estudos em uma instituição diferente daquela à qual pertencem.

Com base em alguns dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), desde a década de 1980 o número de universitários matriculados em instituições fora do seu país de origem aumentou mais do que quatro vezes, sendo de aproximadamente 2 milhões, afirma o órgão (OCDE, 2009). Esse aumento se justifica por determinados motivos, os quais também são aceitos pelas Instituições de Ensino. E, ao pontuar esses motivos, temos em primeiro lugar a ideia de que oferecer vagas a estudantes estrangeiros pode ajudar na promoção da compreensão mútua internacional, tanto entre países como no seio das atuais sociedades, cada vez mais multiculturais. Em segundo lugar, os estudantes estrangeiros refletem lucros em várias áreas de negócios. E, em terceiro lugar, estudar no exterior pode vir a ser o primeiro passo para uma possível estada mais longa no país escolhido, podendo, a longo prazo, facilitar o processo de dupla cidadania ao estrangeiro que se legaliza no país de acolhimento, acrescenta a OCDE (2009).

2.3 Mobilidade acadêmica na Universidade Federal do Pará

Diante do contexto atual, de um mundo que vive em constante mudança e sem fronteiras, surge a necessidade de as organizações e as pessoas se adaptarem a essa nova realidade. Quando se fala em viajar, logo surge o pensamento de que é muito mais que conhecer novos lugares ou uma nova cultura. Segundo Stallivieri (2002), o sujeito realiza essas viagens, conhecidas como mobilidade acadêmica, ou popularmente, intercâmbio, para adquirir conhecimento e investir na sua formação, na área de estudo, ou seja, busca aprimoramento do conhecimento. Perante a missão das universidades de preparar cidadãos para um mundo interligado e interdependente, surge a necessidade de uma experiência educacional internacionalizada, a qual permita o conhecimento e respeito pela diversidade cultural (STALLIVIERI, 2002). A UFPA, em 2017 (UFPA, 2017), mantinha aproximadamente 50 convênios com instituições de Ensino Superior nos âmbitos nacional e internacional. Mesmo com esses convênios, a PROINTER/UFPA não apresenta dados pertinentes a essa temática, os quais ajudariam no embasamento teórico, tais como a quantidade de estudantes e docentes que estão fazendo ou já fizeram intercâmbio pela UFPA, os destinos do intercâmbio, períodos, bolsas acadêmicas utilizadas, entre outros. Em 2017, a UFPA (UFPA, 2017) informava sobre alguns programas que haviam sido realizados por ela, resumidamente apresentados a seguir:

- Programa Erasmus Mundus Babel: é um dos principais programas de intercâmbio acadêmico da UFPA. A Universidade participa de cinco redes (Rede do Porto, Rede de Coimbra, Rede de Munique, Rede de Santiago de Compostela e Rede de Turim); cada uma composta por dez universidades brasileiras e dez estrangeiras. Esses projetos financiam a mobilidade de estudantes e de professores brasileiros para a Europa, bem como de universitários europeus para o Brasil;
- Programa Top China do Santander Universidades: tem por objetivo contribuir nas relações entre o Brasil e a China, por meio acadêmico, na Universidade de Shangai Jiao Tong (SJTU/CHN) ou na Universidade de Pequim (PKU/CHN);

- Programa de Bolsas Luso-Brasileiras: visa proporcionar aos estudantes de graduação um semestre com acesso a culturas estrangeiras em diversas universidades renomadas de Portugal e Espanha, como: Universidade do Porto (UP/POR), Universidade de Coimbra (UC/POR), Universidade de Lisboa (ULisboa/POR), Universidade de Salamanca (USAL/ESP), Universidade de Castilla-La Mancha (UCLM/ESP);
- Programa de Consórcio em Educação Superior Brasil - Estados Unidos da América (CAPES/FIPSE): tem como principal objetivo, além do IA, a cooperação internacional em áreas estratégicas de pesquisa. As únicas universidades brasileiras envolvidas são a UFPA e a Universidade Federal da Bahia (UFBA); nos Estados Unidos: *Michigan State University* (MSU/USA) e *Kansas State University* (K-State/USA);
- Programa Brasil France *Ingénieur Technologie* (BRAFITEC): tem o objetivo de fomentar o intercâmbio entre as IES brasileiras e francesas e é voltado para a pesquisa na área da Engenharia. Possui parcerias com universidades como: *Instituts Nationaux des Sciences Appliquées* (INSA/FRA) e *École Supérieure d'Électricité* (SUPELEC/ FRA).

3 Método da pesquisa

A presente pesquisa se enquadra como análise de conteúdo, que “[...] é considerada uma técnica para tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema” (VERGARA, 2016, p. 15). A partir do objetivo traçado, buscou-se identificar, nos questionários aplicados aos docentes da FACTUR, suas opiniões a respeito do TE com foco no intercâmbio desses professores.

Na pesquisa bibliográfica, apesar de o assunto ser ainda pouco debatido e não haver muitos livros publicados voltados para o assunto em questão, foram consultados artigos publicados em revistas científicas, para ajudar no embasamento teórico do tema proposto. Para Lima e Miotto (2007), essa etapa é fundamental em todo trabalho científico, pois influencia todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que se dá o embasamento teórico que possibilita que um trabalho tome forma para ser fundamentado.

A pesquisa de campo realizada teve cunho nos métodos quantitativo e qualitativo para análise dos dados. Na quantitativa, as categorias são pré-estabelecidas, o que simplifica a análise dos dados coletados (GIL, 2002). Tudo pode ser mensurável, o que significa que podem ser produzidas em números; no caso, as informações e opiniões dos participantes foram catalogadas e então analisadas, o que requer o uso de estatísticas (GODOY, 1995). Já na parte qualitativa, valemo-nos de textos narrativos, esquemas e matrizes, pois “[...] estão voltados para assistir os pesquisadores a compreender pessoas e seus cenários sociais, culturais e corporativo” (GIL, 2002, p. 94). Neste estudo, pesquisou-se sobre o IA e sua contribuição para a formação acadêmica dos participantes. Para se traçar uma análise completa dos contextos micro estudados, deve-se utilizar a forma qualitativa e quantitativa, uma vez que “os dados quantitativos e qualitativos não se divergem, pelo contrário, se complementam” (MINAYO, 2002, p. 22).

Foram sujeitos da investigação os docentes da UFPA como universo/população total, que é o grupo de pessoas que apresentam pelo menos uma característica comum e que estão ligadas ao assunto pesquisado (OLIVEIRA, 2002, p. 72). Quando o universo é populoso – caso dos docentes da UFPA –, é recomendável a separação de uma amostra (GIL, 2002, p. 145). Os resultados obtidos com base na amostragem são expandidos

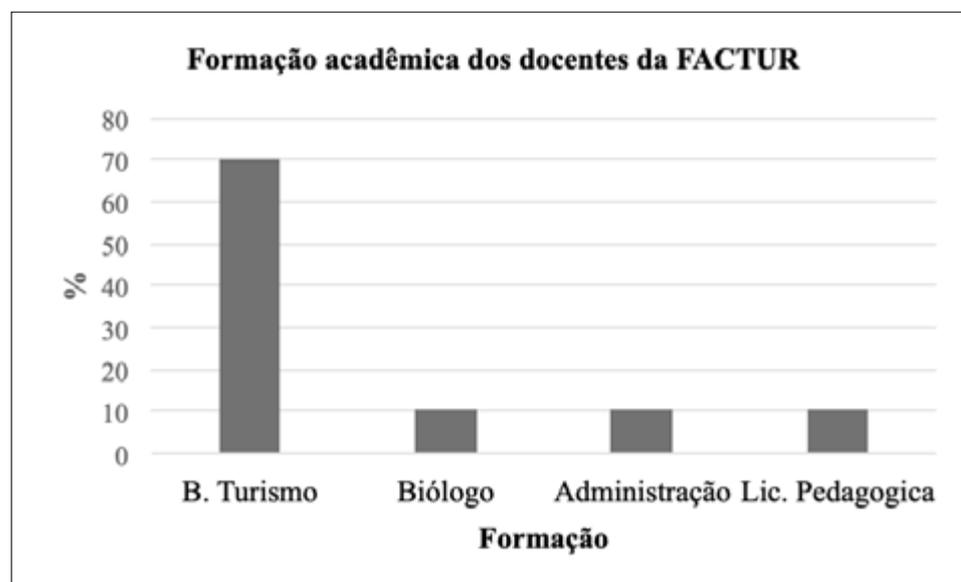
para a totalidade do universo, sempre levando em conta a margem de erro. Para este estudo, a amostragem foram os docentes da FACTUR, no total de 13 entrevistados que já realizaram IA, com o propósito de avaliar a população como um todo (GIL, 2002, p. 51).

A pesquisa utilizou como fonte de dados prioritariamente um questionário, o qual foi aplicado nos meses de novembro e dezembro de 2017. Este teve como principal característica a realização de coleta de dados junto ao grupo de docentes da FACTUR. A coleta de dados foi executada por meio da observação das atividades, sem interferência, e de questionário direto, para captar as explicações que ocorrem naquele meio (GIL, 2002, p. 53). A coleta de dados está relacionada com o objetivo do artigo para se chegar aos resultados, neste caso uma análise da diretriz apresentada. Em seguida, os resultados foram tabulados em planilha Excel para, em seguida, se fazer a análise das frequências relativas, a partir das frequências absolutas e posterior conclusão.

4 Resultados da pesquisa

O questionário foi respondido por 13 docentes, tanto do sexo masculino como do feminino. Desses entrevistados, 33% eram do sexo masculino e 67% do sexo feminino. Os docentes apresentaram faixa etária de 21 a 30 anos (10%), de 31 a 40 anos (50%) e idade acima de 50 anos de idade (40%). Os entrevistados foram separados por área de formação – a maioria (70%) sendo do curso de Bacharelado em Turismo, 10% de Administração, 10% de Biologia e 10% de Licenciatura em Pedagogia. Ou seja, a maioria dos entrevistados tem sua formação na área do Turismo, e 30% têm outra formação acadêmica (Figura 1).

Figura 1 ►
Gráfico de frequência relativa da formação acadêmica dos docentes.
Fonte: dados da pesquisa

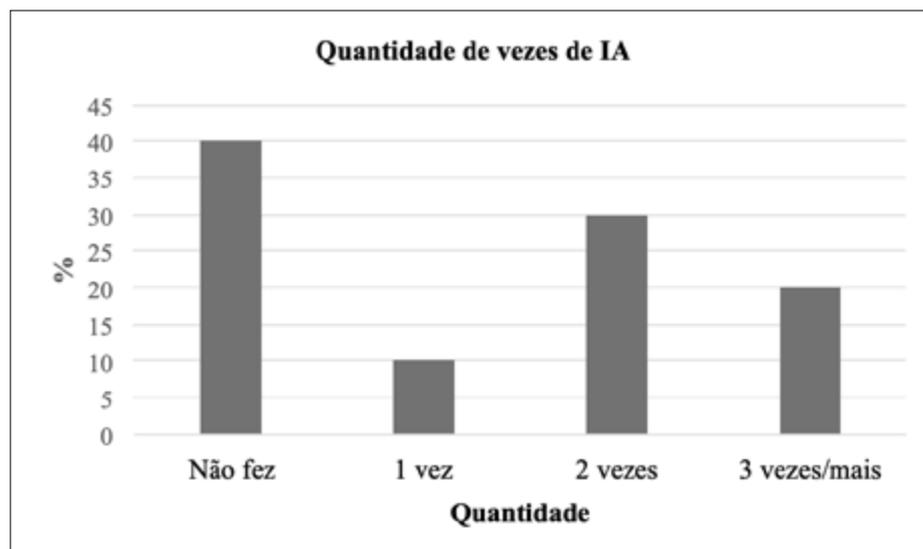


Seguindo o questionário, a segunda pergunta foi com relação à quantidade de vezes que os entrevistados tiveram a oportunidade de sair do país para um IA: 40% dos docentes responderam que “nenhuma vez”, 10% “uma única vez”, 30% saíram “duas vezes” e os demais, 20%, saíram “mais de duas vezes”. Os dados indicam, portanto, que mais de 50% dos docentes já realizaram o IA (Figura 2).

Figura 2 ▶

Gráfico de frequência relativa da quantidade de vezes em que foi feito intercâmbio acadêmico.

Fonte: dados da pesquisa

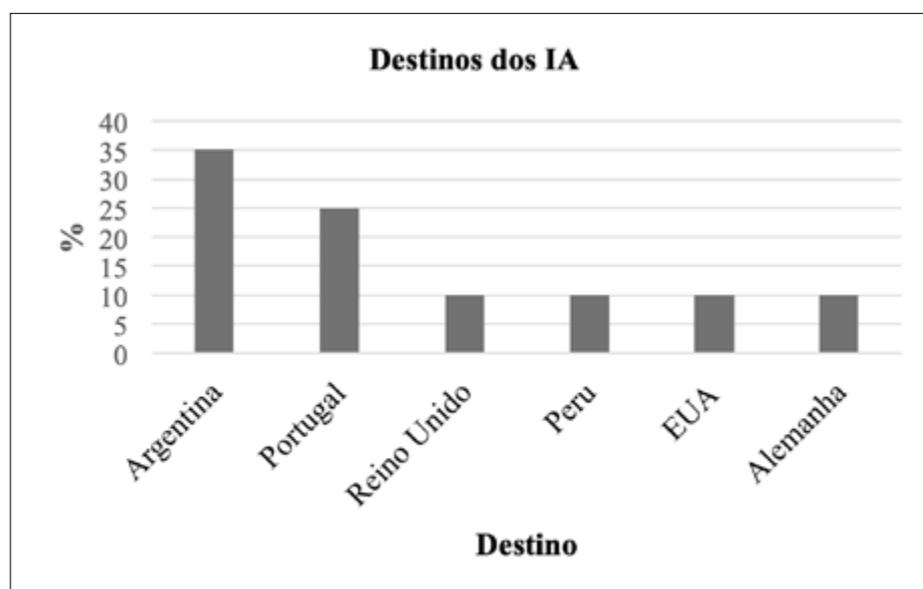


A terceira pergunta do questionário se referia à localidade em que o entrevistado realizou o intercâmbio. Obteve-se o seguinte resultado: Argentina (35%); Portugal (25%); e Reino Unido, Peru, EUA e Alemanha, com 10% cada. A América do Sul e a Europa ficaram em evidência na procura dos intercâmbios pelos entrevistados, com 45% cada continente (Figura 3).

Figura 3 ▶

Gráfico de frequência relativa dos destinos do intercâmbio acadêmico.

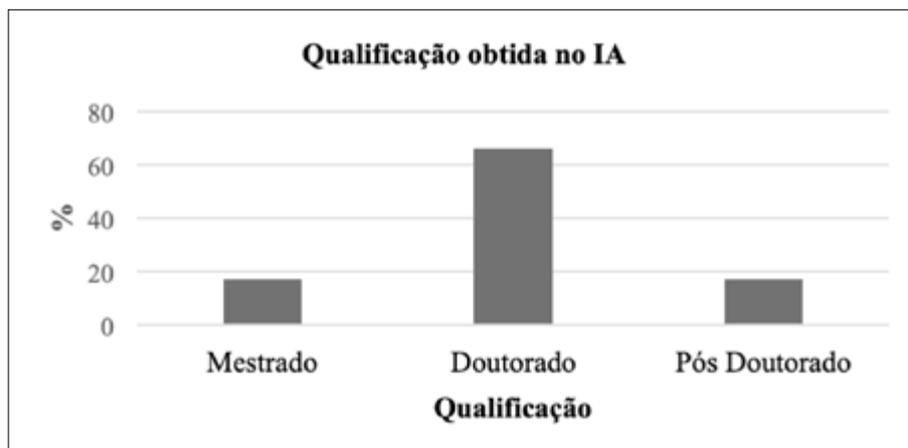
Fonte: dados da pesquisa



A quarta pergunta tratava do tipo de qualificação que o entrevistado obteve no intercâmbio. Sobre esta, as respostas demonstraram que 17% foram realizar Mestrado, 66% Doutorado e 17% Pós-Doutorado. Ficou nítido que o Doutorado se destaca nessa conexão de interesse sobre esse tipo de qualificação (Figura 4).

Figura 4 ►

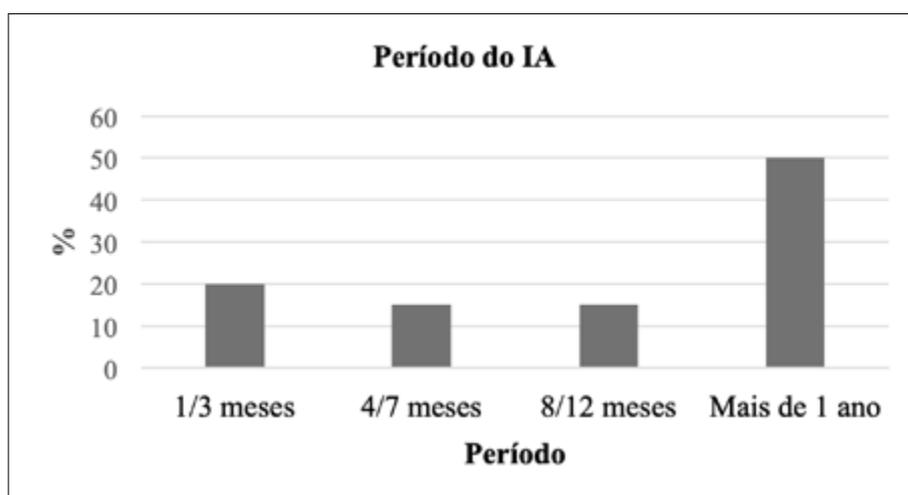
Gráfico de frequência relativa da qualificação obtida no intercâmbio acadêmico.
Fonte: dados da pesquisa



Em seguida, foi questionado por quanto tempo o docente permaneceu no intercâmbio. Identificou-se que 20% ficaram de 1 a 3 meses, 15% de 4 a 7 meses, 15% de 8 a 12 meses. Com maior percentual (50%) identificaram-se docentes que ficaram mais de um ano realizando intercâmbio, havendo uma equivalência com os resultados da quarta pergunta, em que as qualificações que se destacaram foram o doutorado e o mestrado. Dessa forma, 50% dos intercambistas passaram mais de um ano fora do Brasil (Figura 5).

Figura 5 ►

Gráfico de frequência relativa do período do intercâmbio acadêmico.
Fonte: dados da pesquisa

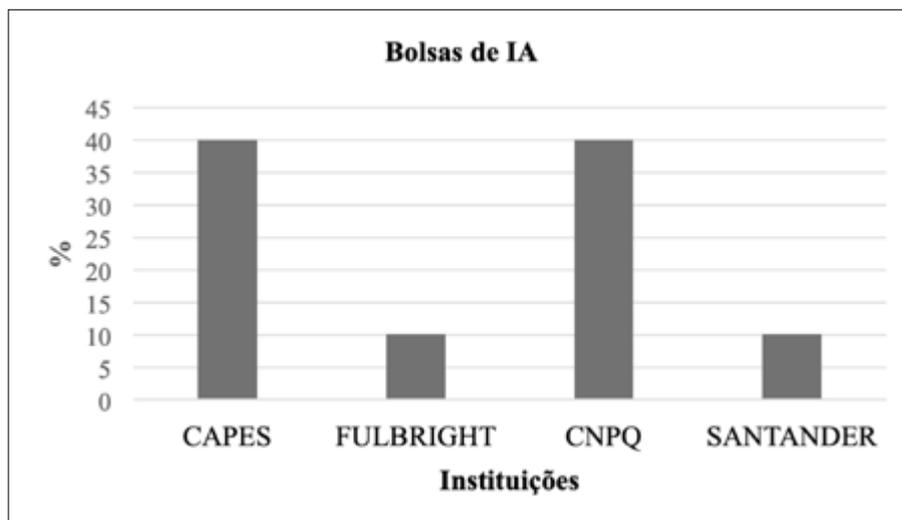


Sobre a ajuda de custo na jornada de intercâmbio, a pergunta de número seis perguntava se o entrevistado recebeu alguma bolsa para auxiliar nas despesas. De todos os docentes entrevistados, 90% responderam que sim e apenas 10% responderam que não tiveram nem um auxílio-bolsa para sua permanência no intercâmbio. As entidades responsáveis por deliberar esse auxílio são Capes, CNPq, Bolsa Fulbright e Santander. Está evidente a importância dos programas de bolsas que dão apoio financeiro para que haja maior participação dos intercambistas (Figura 6).

Figura 6 ▶

Gráfico de frequência relativa das bolsas para intercâmbio acadêmico.

Fonte: dados da pesquisa

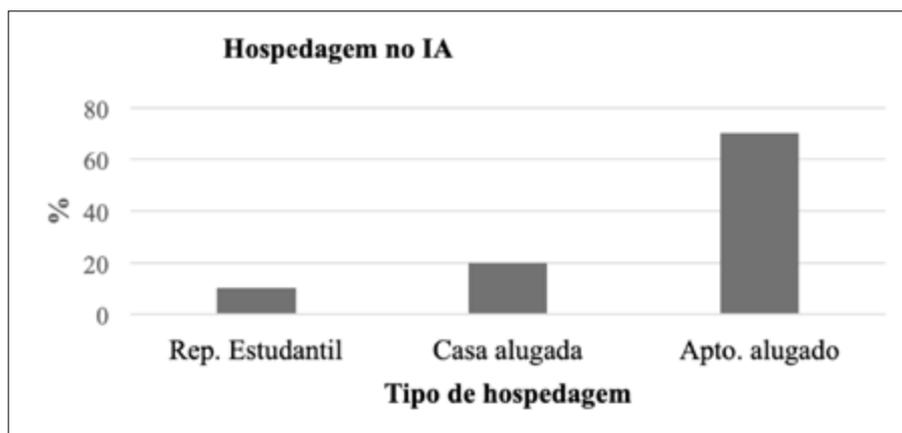


No que diz respeito à estada, ou seja, o tipo de hospedagem onde os docentes ficaram durante o intercâmbio, 10% deles relataram que ficaram em repúblicas para estudantes, 20% em casas alugadas, e, com maior porcentagem, 70% dos docentes se hospedaram em apartamento alugado. A maior parte dos intercambistas, em paridade à qualificação com doutorado, ficaram em apartamento alugado (Figura 7).

Figura 7 ▶

Gráfico de frequência relativa da hospedagem utilizada no intercâmbio acadêmico.

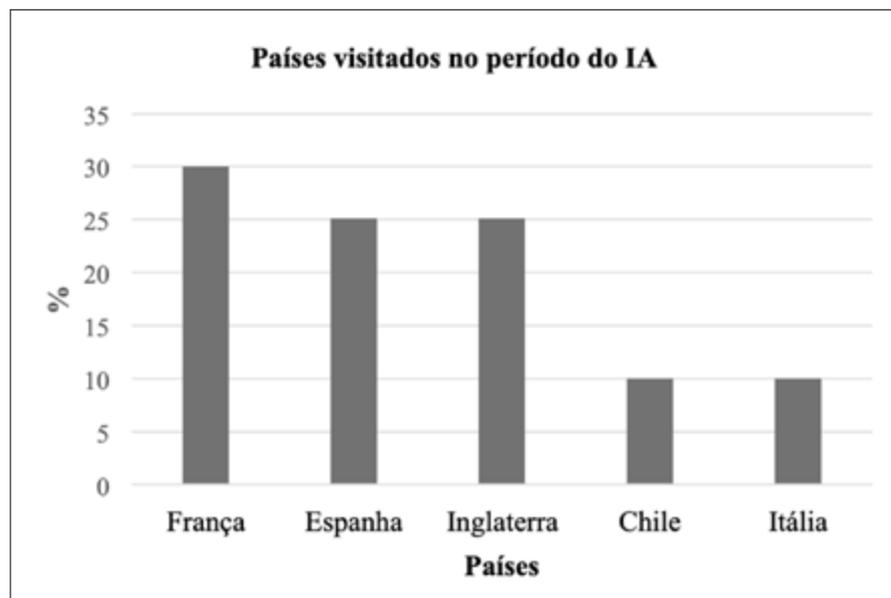
Fonte: dados da pesquisa



Com relação a se na ida para o intercâmbio o sujeito foi acompanhado pela família, 10% afirmaram que sim e os outros 90% disseram que não. Em seguida, perguntou-se sobre se o intercambista conheceu outro país além daquele de destino para o intercâmbio. A grande maioria (80%) respondeu que sim e apenas 20% não visitaram outro país. Isso indica que a extensão que o intercâmbio favorece vai além da fronteira de destino. Os resultados demonstraram que os países visitados por esses docentes foram: a França, visitada por 30%; a Espanha, com 25%; a Inglaterra, com 25%; o Chile, com 10%; e a Itália, com 10% (Figura 8).

Figura 8 ►

Gráfico de frequência relativa dos países visitados no intercâmbio acadêmico.
Fonte: dados da pesquisa



Sobre as dificuldades de se adaptarem à língua do país onde realizaram o intercâmbio, 10% disseram ter tido dificuldades com a língua local, e 90% informaram que a língua local não foi problema para sua permanência. Além disso, foi questionado aos docentes se houve choque cultural em relação ao país onde foi realizado o intercâmbio. Para 90% não houve qualquer intercorrência com a cultura local; 10% informaram que sim. O que também ficou muito nítido quanto ao interesse de se realizar um intercâmbio foi quando questionados sobre outra oportunidade de repetir esse processo: as respostas foram unânimes, ou seja, que gostariam de ter outra oportunidade de intercâmbio.

Ao serem indagados sobre o que apontam de positivo durante o período do intercâmbio, os entrevistados destacaram a formação acadêmica, a oportunidade de conhecer outras culturas e outros pesquisadores da área. Isso aumenta as redes de contatos profissionais e acadêmicos, ampliando conhecimentos na área em que atuam e, em geral, nas relações e crescimento pessoais. Questionou-se aos docentes se houve algum ponto negativo no período do intercâmbio. A maioria (80%) respondeu que não perceberam nenhum ponto negativo durante o intercâmbio.

Na questão sobre se recomendam aos discentes e incentivam-nos a realizar intercâmbio, 100% dos docentes disseram que sim, pois são oportunidades de amadurecimento pessoal e experiências acadêmicas. Isso tudo faz com que haja novas redes de trabalho para futuras atividades acadêmicas. Os entrevistados foram solicitados a avaliar o IA realizado. Todos os docentes avaliaram com excelência o intercâmbio. Mesmos os docentes que tiveram dificuldades nesse período tiraram proveitos para sua vida acadêmica. E, por fim, os docentes foram questionados se ainda hoje mantêm atividades acadêmicas em conjunto com a instituição de destino do intercâmbio. Deles, 50% responderam que sim. Entre os trabalhos acadêmicos destacam-se artigos científicos e projetos de pesquisa.

5 Conclusão

Durante a realização deste trabalho, foi assumido o desafio de buscar informações de como o turismo educacional com foco no IA difere dos demais tipos de turismo,

justamente por acontecer fora do tempo de lazer, mostrando que esse tipo de atividade pode tornar-se turística. Isso ocorre porque há um deslocamento do lugar comum de ensino em busca do novo, envolvendo e contemplando o processo de ensino-aprendizagem durante esse percurso. O público-alvo da pesquisa do presente artigo foram os docentes da FACTUR da UFPA, que, embora tenha sido um grupo reduzido de pessoas, apresentou uma mesma característica, ou seja, todos ligados ao assunto abordado.

Os resultados apontaram que o posicionamento dos docentes que realizaram intercâmbio foi claro quando disseram que o IA é, sem dúvida, importante para a formação acadêmica e que contribui não só para a qualificação curricular, mas também para o crescimento pessoal. Todos ficaram muito satisfeitos e frisaram a importância de sair do país de origem em busca de melhoria e novas redes de contatos profissionais. Quanto aos docentes que não tiveram a oportunidade de fazer IA até o momento da aplicação do questionário, estes deixaram claro que sabem da importância da realização do intercâmbio, para ampliar seus conhecimentos teóricos, diversificar sua prática do turismo e fomentar a possibilidade de fazer contatos e projetos profissionais futuros. Apesar do número dos docentes que não fizeram IA ser maior do que o dos que o fizeram, todos os docentes que responderam indicam e incentivam os seus alunos a fazer intercâmbio, pois reconhecem a marca profissional e pessoal que o intercâmbio pode trazer.

Ainda que as instituições de financiamento de IA estejam realizando seu papel, há necessidade de maior investimento nesse setor. Os docentes, apesar de terem obtido resultados positivos nos editais de concorrência dessas instituições, complementam que, com o decorrer dos anos, a escassez desses editais está maior, prejudicando a intenção de outros docentes que ainda não tiveram tal oportunidade. Isso também reflete na intenção dos docentes que queiram fazer, pela segunda vez, intercâmbios científicos-culturais – neste caso, pós-doutorado em outros países.

E, por fim, o mercado do turismo vive nessa constante mudança, motivando, assim, a importância de se ter e de se prepararem profissionais que acompanhem essa evolução e que também estejam sempre abertos e atualizados para discutir e aceitar novas ideias, vivenciando novas experiências. O IA é a oportunidade de incrementação curricular do docente para que sua formação, tanto acadêmica quanto pessoal, possa ajudá-lo a se tornar um profissional cada vez mais qualificado na IES onde atua.

Referências

ANDRADE, A. L. M. S. Educação na Roma antiga. 2000. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/educacao-na-roma-antiga/>. Acesso em: 1 out. 2019.

BARTELL, M. Internationalization of universities: a university culture-based framework. Higher Education, v. 45, p. 43-70, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1021225514599>.

BELTA – BRAZILIAN EDUCATIONAL & LANGUAGE TRAVEL ASSOCIATION. Educação internacional. 2019. Disponível em: <https://www.belta.org.br/category/noticias/page/17/>. Acesso em: 30 set. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo cultural: orientações básicas. 3. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2008. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de estudos e intercâmbio: orientações básicas. 2. ed. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercambio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 1 nov. 2021.

CABRAL, T. L. O.; SILVA, J. E. O.; SAITO, C. E. Realidade do intercâmbio e da mobilidade acadêmica na Universidade Federal de Santa Catarina. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 11.; CONGRESSO INTERNACIONAL IGLU, 2., 2011, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/29299/6.1.pdf?sequence=1>. Acesso em: 1 dez. 2019.

CEVASCO, M. E. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo, 2003.

FIGUEIREDO, F. J. Q. A aprendizagem colaborativa de línguas: algumas considerações conceituais e terminológicas. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.). A aprendizagem colaborativa de línguas. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 2006. p. 11-45.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, n. 35, v. 2, p. 57-63, abr. 1995. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. Revista Katálysis, v. 10, n. especial, p. 37-45, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTESANTI, B. Como funcionam os convênios entre universidades brasileiras e estrangeiras? 2016. Disponível em: <https://www.estudarfora.org.br/como-funcionam-os-convenios-entre-universidades-brasileiras-e-estrangeiras/>. Acesso em: 1 nov. 2021.

OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. Migração internacional: a face humana da globalização. Paris: OCDE, 2009. Disponível em: <https://www.oecd.org/insights/43568967.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

OLIVEIRA, S. L. Metodologia científica aplicada ao direito. 1. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

COSTA, A. M.; SIQUEIRA, A. L.; BENETTI, K. C.; DALMAU, M. B. L.; PEREIRA, M. F. A participação em programas de intercâmbio como alternativa complementar de formação: contribuições do Programa Escala ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina. In: COLOQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITARIA EN AMÉRICA DEL SUR, 5., 2005, Mar del Plata. Anais

[...]. Mar del Plata: Universidad Nacional de Mar del Plata, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/97140>. Acesso em: 20 set. 2022.

RAMOS, M. N. Currículo integrado. In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. (org.). Dicionário da educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/dicionario-da-educacao-profissional-em-saude-segunda-edicao-revista-e-ampliada>. Acesso em: 16 ago. 2022.

REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.

ROTARY. Intercâmbio de jovens. 2018. Disponível em: <https://www.rotary.org/pt/our-programs/youth-exchanges>. Acesso em: 1 nov. 2019.

SANTOS, S. R.; SANTOS, P. C.; HARDT, L. P. A.; JORDÃO, A. C. Turismo e Intercâmbio: contribuições para a formação discente nos cursos de graduação das instituições de ensino superior de São Luís, Maranhão. CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, v. 8, n. 2, p. 57-85, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/348>. Acesso em: 1 nov. 2021.

SEBBEN, A. Intercâmbio cultural: para entender e se apaixonar. 3. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

SILVA, C. C. S. Mobilidade corpórea de estudantes internacionais: as motivações dos estudantes internacionais acolhidos por instituições de educação superior localizadas em São Paulo e Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Gestão Internacional) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.espm.br/handle/tede/17>. Acesso em: 1 nov. 2021.

STALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. 2002. Disponível em: <https://iglu.paginas.ufsc.br/files/2014/08/SLIDES-LUCIANE.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

STALLIVIERI, L.; MONTEIRO, S. Diagnóstico do quadro atual das estruturas de relações internacionais acadêmicas. Educação Brasileira – Revista do CRUB, v. 27, n. 55, p. 13-37. 2005. Disponível em: <https://www.crub.org.br/revista-da-educacao-brasileira-vol-27-n-55-publicada-pelo-crub-em-2005-esta-disponivel/>. Acesso em: 20 set. 2022.

TEICHLER, U. The changing debate on internationalisation of higher education. Higher Education, v. 48, n. 1, p. 5-26, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1023/B:HIGH.0000033771.69078.41>.

SALÃO DO ESTUDANTE: o raio-x atual dos estudantes que pretendem estudar fora do Brasil. Terra, 11 mar. 2019. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/dino/salao-do-estudante-o-raio-x-atual-dos-estudantes-que-pretendem-estudar-fora-do-brasil_76a88c8e296edd48c6659012c89a1b4ddmplxiby.html. Acesso em: 16 nov. 2021.

UFPA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Histórico e Estrutura. 2017. Disponível em: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/universidade>. Acesso em: 16 ago. 2022.

UNESCO – UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. Trends in global higher education: tracking an academic revolution.

A report prepared for the UNESCO 2009 World Conference on Higher Education. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183219>. Acesso em: 20 out. 2021.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

VILLANOVA, C. L. D. A diplomacia pública no Brasil: antecedentes históricos. *In*: VILLANOVA, C. L. D. Diplomacia pública e imagem do Brasil no século XXI. Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. p. 153-173. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/1203-DIPLOMACIA-PUBLICA_MIOLO_FINAL.pdf. Acesso em: 16 ago. 2022.

WORLD STUDY. Orçamento de intercâmbio: entenda como planejar os gastos. 2021. Disponível em: <https://www.worldstudy.com.br/noticia/orcamento-intercambio>. Acesso em: 16 ago. 2022.